

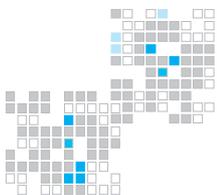
CENAS E SENTIDOS NA TRIBO RAVER: A ORDEM DA FUSÃO



Marli dos Santos

■ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e doutora em Ciências da Comunicação, Núcleo Jornalismo e Linguagem, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Desde 1999, atua na área acadêmica como professora de graduação em Jornalismo, na Universidade Metodista de São Paulo, e, a partir de 2002, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como professora e orientadora de monografias no curso de pós-graduação (*lato sensu*) em Comunicação Jornalística.

■ E-mail: marli.santos@metodista.br



RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar qual o sentido que os jovens *ravers* atribuem ao discurso jornalístico sobre drogas, em um cenário complexo, de relações e informações múltiplas, na thíase (ordem da fusão) do século XXI. Dois principais aportes teóricos nortearam a pesquisa: o da teoria da recepção e o da análise dos discursos, de influência francesa. A análise identificou um sentido de distanciamento dos jovens *ravers* em relação ao discurso jornalístico, que ocorre por oposições, entre o poder dos discursos midiáticos e a fragilidade dos discursos dos *ravers*, entre a agressividade atribuída ao usuário de drogas ilícitas e a afetividade que buscam no transe neotribal.

PALAVRAS-CHAVE: SENTIDO • DISCURSOS JORNALÍSTICOS • DROGAS ILÍCITAS • JOVENS RAVERS

RESUMEN

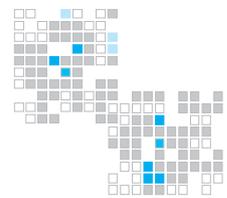
El objetivo de este trabajo es identificar cual es el sentido que los jóvenes *ravers* atribuyen al discurso periodístico sobre drogas, en un escenario complejo, de relaciones múltiples, en el thíase (orden de la fusión) del siglo XXI. Dos aportes teóricos principales nortearon la investigación: el de la Teoría de la Recepción y el del Análisis de los Discursos, de influencia francesa. El análisis identificó un sentido de distanciamiento de los jóvenes *ravers* en relación al discurso periodístico, por oposiciones, entre el poder de los discursos mediáticos y la fragilidad de los discursos de los *ravers*, entre la agresividad atribuida al consumidor de drogas prohibidas y a la afectividad que buscan en el transe neo-tribal.

PALABRAS-CLAVE: SENTIDO • DISCURSOS PERIODÍSTICOS • DROGAS PROHIBIDAS • JÓVENES RAVERS

ABSTRACT

The aim of this investigation is identify the sense youth *ravers* give to the journalistic speech about drugs, in a complex scenery of multiple information and relationships – the fusion order of the 21st century. Two of the main theorist supports that directed the research: the Reception Theory and the French Speech Analysis. The analysis identified a sense of distance between the *ravers* youth people and the journalism speech, because of the opposition between the power of the media speeches and the fragility of the *ravers*' speeches, that is reported, between the aggression that is attributed to the drug users and the affectivity that these people search for in the neo-tribal trances.

KEY WORDS: SENSE • JOURNALISTIC SPEECHES • ILEGAL DRUGS • RAVERS YOUTH PEOPLE





Juvenildade e neotribalismo *Raver*

Com a proposta de desvendar um microcosmo da recepção, ou uma partícula dele, foram analisados os discursos de jovens usuários de drogas ilícitas e pertencentes à tribo *raver*, de modo que se pudesse detectar os sentidos que atribuem aos discursos jornalísticos sobre drogas.

Antes, porém, foi preciso se dedicar ao estudo de algumas particularidades do mundo jovem ocidental para entender por que aos jovens sempre se autoproclamaram rebeldes e representantes dos movimentos contestadores da cultura estabelecida. Ao contrário do que pensa o imaginário do homem pós-moderno ocidental, foi possível verificar que a juventude transgride por concessão da sociedade, por chancela do mundo dos adultos. Na Antiguidade, os jovens eram preparados para a guerra. Durante a Idade Média, alguns povos, como os judeus, educavam para a transmissão e guarda dos costumes e para a assunção de determinados papéis nas comunidades. Já a juventude operária, no século XIX, tinha como direcionamento o mundo do trabalho. À juventude revolucionária coube a participação em movimentos como o fascista, o nazista e a contracultura.

Ao longo da história ocidental dos jovens, as instituições hegemônicas cumpriram o dever de manutenção das estruturas criadas em seu benefício e para sua perpetuação. Porém, apesar de tudo, também foram transitórias. Mesmo com menor fluidez no passado elas florescem e se esgotam. É a mola-mestra da história, entendida no seu caráter dinâmico, que propulsiona a humanidade. O “dado social” e o “dado criador”, como dizia Bakhtin (1981), se mesclam e interagem na grande engrenagem social e cultural. Ou “a potência subterrânea” do neotribalismo contemporâneo de Maffesoli (2002), que engendra, nos seus laços de afetividade, o afastamento e a resistência ao poder constituído.

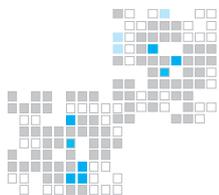
Na juventude pós-moderna, à medida que as instituições se enfraquecem, por conseguinte a família e a escola, a dinâmica entre o institucional e o marginal adquire novos contornos. Interagem as forças de dominadores e dominados, de opressores e oprimidos, não como se fossem estanques, mas matizadas, sincretizadas, pois há brechas que acabam por romper a lógica da dominação. A juventude pós-moderna é uma “thíase”¹ (ordem da fusão) – a convivência de novos e vários arranjos sociais multiformes. Convive e forma várias identidades e pode assumi-las conforme as mediações culturais múltiplas que permitem a sobrevivência do grupo.

Ao analisar o fenômeno do neotribalismo contemporâneo, Maffesoli (2002, p. 62) sustenta a existência de comunidades afetivas, principalmente na sociedade urbana, que “[...] produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos [...]”, mecanismos de sobrevivência diante das pressões cotidianas. São também mecanismos de resistência.

Para Maffesoli ainda (2002, p. 84), em todos esses espaços particulares, que constituem as tribos, os laços de afetividade são a condição *sine qua non* de existência e formação. Independentemente de se eleger este ou aquele código que dá uma identidade cultural específica, o “estar-junto” direciona as ações do grupo. O objetivo não é projetivo, e sim o agora, a formação do próprio grupo e a sobrevivência deste.

Essa reflexão é contextualizada na dinâmica da “socialidade”, termo que o autor usa em contraposição ao social. Para ele, a “socialidade” é orgânica, uma “transcendência imanente” das massas, que surge “[...] opondo-se sempre às formas instituídas

1. Thíase é um termo utilizado por Michel Maffesoli no livro *O Tempo das Tribos* (2002), para fazer referência à pós-modernidade. São fragmentos que se juntam e se transformam, sem uma ordem preestabelecida, fundindo-se em diversos arranjos sociais, culturais, típicos da contemporaneidade.





“Na juventude pós-moderna, à medida que as instituições se enfraquecem, por conseguinte a família e a escola, a dinâmica entre o institucional e o marginal adquire novos contornos.”

da ideologia e da política oficial [...]. Gilbert Renaud, citado pelo Maffesoli, diz: “[...] ‘socialidade’ frondosa que resiste à domesticação?” (Maffesoli, p. 91).

Em um sentido mais antropológico, o tribalismo é a maneira na qual se dá o afeto social. Há também um caráter de rebeldia e contestação na formação desses grupos. Segundo Lara (2001, p. 101), “a formação dos guetos e das tribos está ligada à rebeldia e à contestação da ordem estabelecida, à busca por outros estados cognitivos, que aliviem a ‘angústia’ e possam preencher o cotidiano”.

Nesse contexto, as *raves* surgem como espaços alternativos. São festas normalmente realizadas em lugares mais afastados, locais como galpões, chácaras, fábricas abandonadas, cujo elemento principal, e que dá unidade, é a música eletrônica. Participam apreciadores do estilo, que se constituem em uma tribo com as suas peculiaridades e códigos, de uma maneira geral adotados praticamente por todos.

Como essas festas se tornaram modismo, em decorrência das indústrias antenadas sobre as novidades desse meio para posteriormente transformá-las em bens materiais e simbólicos de consumo, a participação de jovens é bem heterogênea. São diferentes os tipos encontrados em uma *rave*: desde aqueles que seguem religiosamente os padrões estéticos visuais, inspirados nos *clubbers*, como os que se negam à identificação *clubber* e

2. Jocélia Maris Mainardi revela em seu estudo a estética dos *clubbers* paulistanos, seus códigos, costumes, locais frequentados, e as festas, realizadas em clubes fechados ou em locais diferenciados, longe dos grandes centros. Os espaços são reapropriados e a ambientação é um misto de cor, luzes, performances, ritmo e dança, regidos pelo som da música eletrônica.

preferem ser somente apreciadores das festas e da música eletrônica – o grande elemento aglutinador. Há também os curiosos e os profissionais da cena.

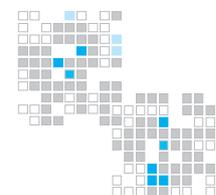
Independentemente dos novos tipos que frequentam as *raves*, ligados à cultura *club*, Mainardi já havia observado² a filosofia hedonista, na qual a alegria e o transe coletivo tornam-se uma experimentação, um sentido de vida, ou um sentido de vida em alguns momentos. Nesse processo de retribalização, de “socialidade” propriamente dita, o sentido da transgressão “esquece” o político instituído para ser a transgressão estética e simbólica. O amor, a celebração da paz, da alegria e do prazer das viagens proporcionadas pelo ambiente, muitas vezes adicionado à droga, são as formas de resistência.

Imbricações teórico-metodológicas

Para realizar este estudo foram consideradas duas correntes teóricas norteadoras: a Teoria da Recepção, de Jesus Martin-Barbero, e a Análise dos Discursos, empreendida por autores como Brandão, Orlandi, Maingueneau, Koch e Pinto, da escola francesa.

A Teoria da Recepção desloca os estudos dos meios às mediações, nos quais se assume que os sentidos circulam na sociedade, nos grupos, nas comunidades, e sofrem a influência (na produção e na recepção) do ambiente cultural, do social e do econômico. A leitura da realidade é condicionada pelo acesso a determinados textos culturais ou gêneros do discurso, inclusive o dos meios de comunicação.

Considerando a recepção um lugar de produção de sentidos, de negociação, o propósito desta pes-





quisa ao recorrer à Teoria da Recepção foi o de verificar, por meio da imersão no contexto da tribo raver e de usuários de drogas ilícitas de origens socioeconômicas diversas, quais as condições de produção dos discursos desses jovens. Que tipo de “sociabilidade” há no grupo e até que ponto a identidade neotribal é importante na mediação dos sentidos, em um contexto macro de pós-modernidade, de urbanidade e de fluidez social, com a marca preponderante da cultura de consumo de bens simbólicos e materiais e da globalização.

Falar em pós-modernidade, urbanidade e fluidez social significa assumir que nas metrópoles a fragmentação é uma realidade. Nelas, o caos semiótico e urbano é cenário, convivem a virtualidade, o efêmero, o constante, o popular, o culto, a reocupação e a (re)significação de espaços, a exclusão, os anônimos, as tribos... Convergências e divergências. E tudo ao mesmo tempo.

Imbricando os conceitos dos Estudos de Recepção com os de Análise dos Discursos (AD), de tradição francesa, temos as idéias de Pêcheux, em Brandão (2002), Orlandi (1990; 2001), Maingueneau (2002), e Pinto (1999), como referência teórico-metodológica na análise dos textos produzidos nos dois grupos participantes da pesquisa. Portanto, a opção ora referida considera a ideologia e a materialidade discursiva como “processo discursivo-ideológico”, que inscreve, segundo Pêcheux, citado por Brandão (2002, p. 34), “o processo discursivo em uma relação ideológica de classes”.

Assim, a tríade básica nas formulações teóricas da AD é: a) condições de produção do discurso (o local de onde se fala, como se fala e para quem se fala); b) a formação ideológica (modelos de representação social) e c) as formações discursivas (diretamente relacionadas às formações ideológicas).

A utilização dessas duas correntes teóricas como referenciais para a pesquisa levou à observação participante, metodologia fundamental para observar as condições de produção do discurso.

Durante um ano e meio, vários contextos foram observados, incluindo festas, locais de reunião e de consumo, entre outros espaços.

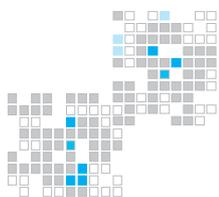
Após observações, realizaram-se dois Grupos Focais (GFs) com jovens ravers de classes socioeconômicas diferentes, moradores da Grande São Paulo, usuários de drogas ilícitas, cujos discursos foram gravados, transcritos e analisados, à luz do referencial teórico já mencionado. Para estimular o grupo, utilizaram-se matérias jornalísticas publicadas na mídia impressa e eletrônica (TV).

Na Análise dos Discursos realizada a partir das falas gravadas durante os GFs, foram considerados alguns marcadores lingüísticos escritos e orais (conversacionais, tempo verbal, modalizadores expressivos, pronomes, operadores argumentativos, discurso direto e indireto, provérbio, ironia, jargão, gíria) presentes em autores como Maingueneau (2000), Koch (2002), Urbano (apud Pretti, 1999) e Rodrigues (apud Pretti, 1999). Porém, a AD não se esgotou nos marcadores da superfície lingüística, completando-se com a contextualização, pois os discursos não são independentes de sua condição de produção. As interações entre formações discursivas podem ocorrer mesmo quando o “outro” não está indicado no discurso, havendo contenção de sentidos pelo enunciador, por meio de mecanismos de silenciamento”³ (Brandão, 2002).

Os sentidos dos discursos jornalísticos sobre drogas: grupos focais

Segundo os participantes do GF1, “Jovens da Periferia da Grande São Paulo”, mesmo dizendo “mentira”, o jornalismo tem poder para impor

3. “Mecanismo de silenciamento é um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes FDs, pelo seu jogo. Com o apagamento de sentidos, há zonas de sentido, e, logo, posições do sujeito que ele não pode ocupar, que lhe são interditas.” (Orlandi, 1990, p. 52).





uma realidade generalizante, por interesse ou incompetência. Os argumentos para justificar o afastamento da mídia em relação à realidade desses jovens são vários. Destaco abaixo alguns:

1. a reação à droga depende do organismo e das características individuais;
2. nem todo usuário é violento, a droga só potencializa características individuais;
3. a bebida e o álcool são drogas toleradas pela mídia pois dão lucro;
4. a bebida leva ao consumo da droga ilícita;
5. os verdadeiros culpados são omitidos;
6. a periferia consome menos droga comparada à classe média alta;
7. nem sempre quem vai às raves é usuário de droga;
8. as matérias sobre pesquisas científicas são falsas.

Do ponto de vista de interação e de envolvimento, alguns marcadores lingüísticos durante a conversação realizada no GFI são índices da identidade do grupo. Idade aproximada, condição socioeconômica semelhante, gosto pela música eletrônica, convivência em ambiente urbano, participação em *raves* e festas com música eletrônica e consumo de drogas ilícitas eram atributos do grupo, responsáveis por ambiente de confraternização e camaradagem. Os jovens mostraram experiências e expectativas compartilhadas, por meio de formas fáticas no discurso, como: “verdade”, “com certeza”, “entende”, “entendeu”; de gírias: “tipo”, “pô”, “minas”, “nóia”, “fita louca”, “já era”; de jargões: “faustão”, “farinha”, “baseado”, “tô limpo”, “pó”, “clubber”; e a repetição de final de frases pelos co-enunciadores, como sinal de aprovação à fala do outro no grupo. Chama atenção o uso recorrente de gírias, não tão ligadas ao universo *raver*, mas de domínio comum dos jovens. Alguns participantes usavam gírias e jargões de outras tribos, como a do rap (“mano”), e ainda gírias fora de moda, a exemplo de “bicho”. Os marcadores mostram a fluidez desse grupo em outros espaços sociais, além das outras vozes constituintes dos discursos.

O fato de os componentes do grupo não considerarem a necessidade de usar todos os códigos

da tribo *raver* para serem qualificados como apreciadores da música eletrônica e das festas, pode estar relacionado à questão socioeconômica, aos compromissos com trabalho e à vida cotidiana. Eles não se enquadram nos tipos de Mainardi (1999). Há apenas vestígios dos códigos visuais club: óculos escuros, um ou outro detalhe fluo-

“Os jovens desse grupo são muito enfáticos nos seus argumentos contra os discursos generalizantes do jornalismo. Usam exemplos pessoais, justificando pontos de vista.”

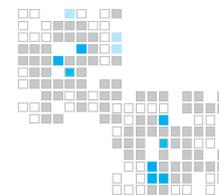
cente na roupa. Mas conhecem os estilos de música eletrônica, os preconceitos em relação aos cybermanos, a aura de harmonia nas festas, propiciada também pela droga. Quem não a consome fica “careta”.

A consciência de que são de uma classe social menos favorecida revela-se nas oposições entre os conceitos de “periferia” – aquele que trabalha e sofre, mas sustenta o seu vício – e de “playboy” – rebelde sem causa, tem tudo mas é revoltado.

Os jovens desse grupo são muito enfáticos nos seus argumentos contra os discursos generalizantes do jornalismo. Usam exemplos pessoais, justificando pontos de vista. Diante da realidade, não há como aceitar o estereótipo de drogado e violento, entre outros, imposto pela mídia.

A introdução de discursos diretos e trechos de diálogos é uma estratégia para dar mais autenticidade à proposição de que a mídia “mente”. Os diálogos reproduzem situações hipotéticas, mas criam um clima de verdade – há entonação da voz, para fazer as vezes da mãe e do filho e ridicularizar os meios de comunicação, criadores de imagens erradas das festas.

Os vícios e erros na linguagem oral revelam a origem dos participantes. Embora na linguagem oral, muitas vezes, a norma culta seja desres-





“Várias formações discursivas atravessam os discursos analisados: o da ciência, o do *raver*, o do jovem, o de classe social.”

peitada, a limitação da escolaridade e do repertório lingüístico é evidente. A superação ocorre pelo uso de gírias, operadores argumentativos e formas fáticas, como estruturadores dos discursos.

Provérbios e ditados são mais recorrentes nesse grupo, confirmando a polifonia e o caráter social da língua no seu manejo dentro do campo discursivo dos jovens, no qual formações discursivas deste e de outros campos são marcadas por várias vezes: de outras gerações, do popular, do científico.

O sentimento de pertença não está nos códigos visuais da tribo *raver*, mas na identidade do grupo como “periferia”, apreciador de música eletrônica – elemento aglutinador –, em momentos de comunhão e de afetividade.

Por não serem potenciais consumidores de grifes caras, os participantes do GF1 desvalorizam o uso de roupas, acessórios e tênis de marca. Para apreciar as *raves* e a música eletrônica não é necessário ostentar. Porém, reconhecem os códigos mais divulgados pela mídia. Como diz Martín-Barbero (1997), estão expressas nas mediações as relações de poder, “batalhas travadas no campo econômico e no terreno do simbólico”.

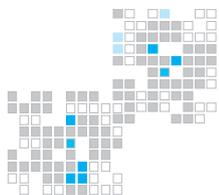
Semelhante ao GF1, os jovens do GF2, “Jovens de Bairros Nobres de São Paulo”, disseram que a mídia está “errada”. Há oposição entre realidade e o dito nas reportagens jornalísticas. “A própria mídia é que “trata errado” as coisas. E o “próprio governo também... Ah, trata errado, trata...” “Eles omitem” informação, e “até acrescentam” coisas que “nem sempre é verdade...”. Apesar da relativização, pois até o governo “também” é errado, durante a conversação dos jovens houve reforço e confirmação de tratamento equivocado dos usuários de drogas ilícitas, incluindo os *ravers*. Por meio de marcadores lingüísticos e o não-dito,

apontam a omissão de informações importantes relacionadas ao tráfico e às diferenças individuais não respeitadas pela mídia. Há contundência na crítica aos discursos jornalísticos. Os argumentos dos participantes foram agrupados a seguir.

1. a reação às drogas depende das “condicionantes” individuais;
2. a informação “populariza” assuntos, mas não há qualidade;
3. a mídia omite informações importantes, pois os interesses comerciais superam os de informar com qualidade;
4. as pesquisas generalizam tanto quanto as matérias a respeito delas;
5. a mídia usa estereótipos para generalizar; as fontes não convencem;
6. o consumo depende da classe social;
7. o jornalista deve se qualificar para uma reportagem que respeite as diferenças.

No GF2 a interação entre os enunciadores/co-enunciadores é verificada por meio de marcas como *entendeu?*, *entende?*, claro, além de outras. Os pronomes e os tempos verbais no presente do indicativo e pretérito simples também mostraram envolvimento dos sujeitos do grupo, comprometidos o tempo inteiro, em maior ou menor grau, com os comentários. Operadores argumentativos confirmam e reforçam as opiniões do grupo.

Várias formações discursivas atravessam os discursos analisados: o da ciência, o do *raver*, o do jovem, o de classe social. A polifonia está presente na argumentação, nas citações, nos exemplos. Há o discurso do universitário, para demonstrar domínio de outro campo discursivo ao questionar a validade da ciência; o discurso da ciência, para em seguida ironizá-la; o discurso da tribo, com gírias e jargões dos *ravers*; o discurso





consumista da sociedade capitalista globalizada, com a moda *raver*; o discurso conservador de classe média ao se comparar ao pobre – ele é infeliz e eu sou feliz. Nos deslizamentos entre as formações discursivas fica claro o “dado social”, os diversos “eus” presentes nos discursos, em um espaço-tempo específico: o da cidade, o da pós-modernidade, o da tribo *raver*.

Brandão (2002), referindo-se a Pêcheux, ressalta o processo discursivo como relação ideológica de classe. Referente ao aspecto formal da língua (observação da norma culta e repertório lingüístico), aos conhecimentos explicitados nas críticas feitas aos discursos jornalísticos sobre drogas, bem como à sua auto-representação como tribo “mais descolada”, “mais *fashion*”, os participantes do GF2 mostram o ideológico, naturalizando as diferenças. Os estereótipos e as generalizações criticados na mídia marcam os discursos do grupo, o qual identifica as subtribos da música eletrônica, como *cybers*, “demorado” (psicodélicos), entre outros.

Os códigos, a moda e o estilo musical diferenciam os grupos e criam sentimento de pertença. Nas festas, o sentido da droga, a música e o ambiente são fatores que estimulam a sociabilidade dos grupos, em uma sociedade globalizada na qual as pressões são muitas.

Conclusão

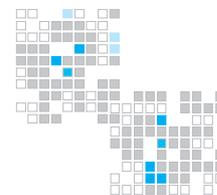
Na análise dos discursos dos jovens *ravers* participantes dos dois grupos focais há um sentido primordial do texto em relação ao contexto: o de *distanciamento por oposição entre jovens ravers e mídia*, permeando os argumentos explícitos (por meio de marcadores lingüísticos) e implícitos (pelo mecanismo de silenciamento) nas falas dos grupos. A dicotomia é o reflexo do contexto sociocultural, no qual as oposições e as divisões são relações naturalizadas pelas ideologias (bem e mal, pobre e rico, opressor e oprimido, bonito e feio, magro e gordo),

presentes na prática discursiva dos jovens *ravers* e da mídia.

Os distanciamentos detectados nos argumentos dos jovens mostram as oposições e divisões entre identidade estereotipada e identidade real; entre o conhecimento que o jornalista deveria ter da realidade e a realidade efetivamente reconstruída em seus discursos; entre o interesse das empresas jornalísticas e o interesse dos jovens; entre o poder do discurso midiático e a fragilidade dos discursos dos jovens *ravers*; entre o superficial dos discursos jornalísticos e a densa realidade; entre a quantidade e a qualidade de informação; entre a generalização dos sujeitos e a particularidade do indivíduo; entre a simplificação dos comportamentos e a complexidade do ser humano; entre o prazer de consumir drogas e o sofrimento retratado na mídia; entre a violência associada às festas e a paz efetivamente sentida; entre a agressividade como marca da personalidade do usuário de drogas ilícitas na mídia e a afetividade buscada no transe neotribal.

“O dito por ‘eles’ (a mídia) e por ‘nós’ (os jovens)” apresenta algumas percepções diferenciadas entre os grupos, condicionadas pela classe socioeconômica. É possível verificar a ideologia em ação na forma como cada um se refere e percebe o outro dentro da tribo, em uma determinada matriz cultural e temporalidade. Portanto, como diz Pêcheux, as classes sociais não são indiferentes à língua, do ponto de vista de complexidade do repertório, de domínio do léxico e de seus antagonismos – a visão da “periferia” e dos “playboys”. A habilidade do enunciador em transitar por diferentes formações ou campos discursivos lhe confere mais autonomia no embate diário da prática discursiva.

Quanto menor o acesso aos campos ou formações discursivas (FDs), maior a submissão do sujeito do discurso a determinadas FDs. No grupo focal de jovens de bairros da periferia de São Paulo essa limitação de campo é maior. A estratégia dos





argumentos é baseada em exemplos e experiências pessoais e no cotidiano, para dar mais autenticidade e credibilidade aos discursos.

São argumentos comuns nos discursos dos jovens o não reconhecimento de si nos estereótipos de “drogados violentos”, “drogados infelizes”, “drogados inconseqüentes”, “*ravers* drogados”, “*ravers* pobres e drogados”.

Mas se os meios de comunicação – e, portanto, os produtos jornalísticos no contexto da indústria cultural – detêm os saberes sobre os seus públicos e o domínio discursivo, por que o distanciamento da realidade como sentido primordial nos discursos dos jovens *ravers*, usuários de drogas?

A racionalidade econômica da indústria influencia os processos produtivos, que resultam em textos culturais massivos digeríveis (“gêneros discursivos”), para atender às necessidades de receptores-consumidores. Os padrões generalizantes, vinculados aos valores hegemônicos sociais e culturais, representam uma economia material e ideológica.

Não obstante a lógica industrial, a imprensa não pode ser tratada como bode expiatório, pois também está imersa nas mesmas forças sociais, econômicas e culturais. Porém, os saberes do jornalismo em relação ao seu público devem superar o modelo de consumo. A superação da submissão do gênero discursivo jornalístico à categoria de entretenimento deve servir também de desafio aos profissionais da imprensa.

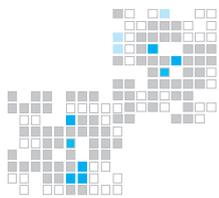
De outro lado, o fato de os jovens não se reconhecerem nos estereótipos veiculados nas maté-

rias jornalísticas não significa comportamento contrário, ou diferenciado. Ao se referirem aos *playboys* e aos *cybermanos*, aos pobres drogados e infelizes e aos ricos drogados e felizes, reproduzem os mesmos discursos da mídia em relação a eles.

As negociações de sentido dos discursos jornalísticos sobre drogas ocorrem a partir da prática discursiva em uma matriz cultural de urbanidade, de fluidez, de fragmentação de arranjos sociais e culturais, de rapidez, de tecnologia, de comunicação de massa preponderantes – uma “*thíase*”. Matriz em que os diversos sujeitos deslizam em espaços concretos e virtuais, nos quais circulam sentidos da vida cotidiana e do institucional. Há momentos nos quais podem ocorrer interações, com maior ou menor intensidade.

As tribos urbanas são fenômenos do descentramento causado nesse cenário. No caso da tribo *raver*, os códigos representam mais um laço afetivo do que propriamente um conjunto de valores em contraposição aos da matriz cultural. As negociações de sentido sofrem pressões das alternativas sociais e culturais possíveis. Portanto, na maior parte do tempo, reproduzem-se comportamentos, discursos, com momentos de brechas para a criatividade irromper na materialidade lingüística, como prática discursiva-social. As *bricolages* na estética *rave* – de som e de códigos visuais – e os hibridismos de estilos musicais, acontecendo em grande velocidade, são expressões de recriação, de resignificação dentro de uma estética em rearranjo constante. O sentido do movimento é o afeto social. Antes da civilidade, a “socialidade”. Resistência e sobrevivência.

166



BIBLIOGRAFIA

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso* – História e literatura. São Paulo: Ática, 1995.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. 2ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*.

8ª ed., Campinas: Editora Unicamp, 2002.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo* – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1993.

_____. *Sotaques d’aquém e d’além mar*. Coimbra: Minerva, 1999.





_____. *A Linguagem dos conflitos*. Coimbra: Minerva, 2001.

FRASCHETTI, Augusto. O mundo romano. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). Tradução: Claudio Marconde, Nilson Moulin, Paulo Neves. *História dos Jovens 1*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp. 59-95.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Hedonismo e ethos contemporâneo: o fenômeno das rave parties. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas, BENTZ, Ione Maria Ghislene e PINTO, Milton José (Orgs.). *Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, co-edição Compós, 1999, pp. 91-107.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOROWITZ, Elliot. Os diversos mundos da juventude judaica na Europa. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 1*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 a, pp. 97-140.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. O jovem radical. In: BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude I*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, 225-242.

_____. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7ª Ed., São Paulo: Cortez, 2002.

LARA, Arthur Hunold. *Tribos urbanas: transcendências, rituais, corporalidades e (re) significações*. São Paulo: Tese de Doutorado, Eca/USP, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. As cidades de tristes trópicos. In: *Revista de Antropologia*, volume 42, nº 1 e 2, volume especial em homenagem a Claude Lévi-Strauss, São Paulo: Depto. Antropologia da FFLCH da Universidade de São Paulo, 1999.

_____. Quando o campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole – textos de antropologia urbana*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, Fapesp, 2000, 12-53.

MAINARDI, Jocélia Maris. *Os neodândis dos anos 90*. Plasticidade, hedonismo, gênero e atuação política dos *clubbers* paulistanos. Dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura, convênio interinstitucional UFSM (RS) e UFRJ, RJ, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Comunicação,

cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002, 39-68.

MICHAUD, Eric. Soldados de uma idéia: os jovens sob o Terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.); *História dos Jovens 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 b, pp. 291-317.

OLIVEIRA, Sandra da Rocha Marmo. A ideologia no discurso sobre drogas. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Ed.UNB, 1997.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 3ª Edição, 2001.

_____. *Terra à vista*. Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, Edunicamp, 1990.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens:

a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 b, pp. 319-382.

PERRON, Michelle. A juventude operária. Da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 2*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 b, pp. 83-136.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETTI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999, pp. 13-54.

SAUNDERS, Nicholas. *Ecstasy e a cultura dance*. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 1*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 a, pp. 265-324.

SCHNAPP, Alain. A imagem dos jovens na cidade grega. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens 1*. São Paulo: Cia das Letras, 1996 a, pp. 19-57.

TEMER, Ana Carolina. *Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo*. Paper apresentado Congresso Intercom, Salvador, setembro de 2002.

URBANO, Hudilson. Marcadores Conversacionais. In: PRETTI, Dino (Org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999, pp. 81-102.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. , 3ª ed., Lisboa: Presença, 1995.

